

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
MARTIN SCORSESE, ENTRE A RAIVA E O SILÊNCIO
17 e 22 de setembro de 2026

THE AVIATOR / 2004

(*O Aviador*)

Um filme de MARTIN SCORSESE

Realização: Martin Scorsese / **Argumento:** John Logan / **Fotografia:** Robert Richardson / **Direção Artística:** Dante Ferretti / **Figurinos:** Sandy Powell / **Montagem:** Thelma Schoonmaker / **Música (original):** Howard Shore / **Intérpretes:** Leonardo DiCaprio (Howard Hughes), Cate Blanchett (Katharine Hepburn), Kate Beckinsale (Ava Gardner), John C. Reilly (Noah Dietrich), Alec Baldwin (Juan Trippe), Alan Alda (Senador Ralph Owen Brewster), Ian Holm (Professor Fitz), Danny Huston (Jack Frye), Gwen Stefani (Jean Harlow), Jude Law (Errol Flynn), , Williem Dafoe (Roland Sweet), etc.

Produção: Michael Mann, Sandy Climan, Graham King, Charles Evans Jr, para Miramax International-Initial Entertainment Group-Forward Pass-Appian Way, IMF / **Cópia:** 35mm (Fenomena), colorida, versão original, legendada eletronicamente em português / **Duração:** 170 minutos / **Estreia Mundial:** Dezembro de 2004 / **Estreia em Portugal:** 3 de fevereiro de 2005 / **Primeira apresentação na Cinemateca:** 28 de setembro de 2006, "Oscars de Melhor Direcção Artística".

Um filme como **The Aviator** apresenta hoje uma perspectiva mais do que interessante pelo que permite comparar duas figuras como Howard Hughes e Martin Scorsese. De facto, há mais em comum entre Scorsese e Hughes do que o que os separa, onde se destaca, naturalmente, o poder económico, que permitiu a Hughes desafiar o próprio governo americano. Mas, por outro lado, encontramos entre as duas personalidades uma mesma compulsão pelo objecto da sua paixão (o cinema, para Scorsese, a aviação para Hughes), entregando-se de corpo e alma a ele. Há, também, o amor pelo cinema, e Scorsese compraz-se em recriar a «idade de ouro» de Hollywood e em fazer reviver estrelas míticas do cinema, como se, dessa forma, ele próprio «integrasse» esse tempo e com elas vivesse. Se a personagem central do filme é Howard Hughes, **The Aviator** talvez seja, antes de mais, o sonho de um cinéfilo tornado «real» por obra e graça do próprio cinema. De facto, a Scorsese parece interessar menos uma ideia de «realismo» (por mais perfeita que a reconstituição possa ser, com o apoio das modernas técnicas digitais de efeitos especiais), do que a materialização da sua paixão e desejos. Todas as sequências à volta das filmagens de **Hell's Angels** são disso testemunho.

Mais do que um «biopic» sobre Howard Hughes, **The Aviator** é, pois, um filme sobre Scorsese e a sua paixão pelo cinema. A forma compulsiva como Hughes procura a «perfeição» para o seu filme, com o número inflacionado de máquinas para filmar a

batalha aérea e com que procura alcançar um efeito de real, tornando verosímil e bem visível a acção (que o leva inclusive a inovações formais), esperando pacientemente que apareçam nuvens no céu para que estas sirvam de «sinalização» para o espectador se aperceber do «movimento» dos aviões, tem o seu paralelo na mesma compulsão de Scorsese pelo perfeccionismo. **Casino** é disso um modelo (recordam-se da cena dos dados atirados ao ar?), que **The Aviator** ultrapassa. Em termos formais (e de reconstituição), **The Aviator** é praticamente perfeito. Não só os cenários, figurinos, o «ar» de época, como nas personagens, mesmo episódicas. Se por vezes a semelhança física é difícil de engolir, como é o caso de Jude Law como Errol Flynn, ou Kelli Garner como Faith Domergue (uma das amantes que Hughes promoveu no cinema, onde foi, uma espécie de Jane Russell de série B durante a década de 50 destacando-se em filmes como **Where Danger Lives/A Infiel**, de John Farrow, **The Duel at Silver Creek/A Cidade do Pecado**, de Don Siegel, e **This Island Earth/SOS Metaluna**, de Joseph Newman), mesmo Kate Beckinsale não é muito convincente como Ava Gardner (e quem poderia «reviver» aquela que foi chamada como «o mais belo animal do mundo»?), já Cate Blanchett é uma impressiva e muito convincente Katharine Hepburn. Convincentes ou não em comparação com os seus modelos, as personagens são-no, sem dúvida, quando incluídas na narrativa.

The Aviator conta-nos o que pode ser a história de um período da vida de Howard Hughes, a que vai dos fins da década de 20, quando se manifesta o seu interesse pelo cinema e aposta no seu megalómano projecto de **Hell's Angels**, até 1947, quando enfrenta uma Comissão de investigação do Senado, e acaba por triunfar, fazendo ruir o projecto de monopólio da Pan Am no domínio da aviação comercial, conquistando o direito de exploração das linhas internacionais para a sua companhia TWA. São os grandes anos da vida de Hughes. Mas são também os anos em que progressivamente se vai deixando dominar pela paranóia, em especial a partir do momento em que sobrevive ao trágico desastre com o avião que pilotava, que Scorsese transforma numa sequência prodigiosa no trabalho dos efeitos especiais. Paranóia que se vai manifestando em compulsões para a repetição interminável das mesmas frases e pelo pavor da doença e dos micróbios, fobias que os seus adversários, como o presidente da Pan Am (um magnífico Alec Baldwin) e o senador Brewster (Alan Alda), procuram explorar nos embates que têm com Hughes. É com o seu domínio definitivo por estas fobias que o filme termina, mostrando os guardas que irão rodeá-lo até ao fim da vida. Leonardo DiCaprio, que às ordens de Scorsese já tinha dado a medida inteira do seu talento no fabuloso **Gangs of New York**, tem na figura de Howard Hughes um papel à sua medida. Nas cenas de Hughes envelhecido, enfrentando a comissão de investigação, ele é a materialização perfeita da personagem, tanto física (vejam-se os documentos de época) como psicológica.

Manuel Cintra Ferreira